

# A fantasia no outro

JOÃO LUCAS

*Você já ouviu que a grama do vizinho é sempre mais verde? Esse comportamento pode ter raízes mais profundas do que você imagina*

ALINNY MARTINS E REGINA JACK

**S**empre fantasiamos o que não temos e quem não somos. Isso é mais recorrente do que imaginamos. “A fantasia é um mecanismo de defesa que proporciona uma satisfação ilusória para os desejos que não podem ser realizados”, é o que diz a psicóloga Gina Strozzi, professora na Universidade Presbiteriana Mackenzie e na Faculdade Teológica Batista de São Paulo, em entrevista à revista *Ultimato*. Atos cotidianos, como ler um livro com uma moral ou ver um filme de romance com final feliz, alimentam inconscientemente as fantasias de possuir uma vida perfeita, e isso pode ou não se tornar uma característica ruim. Por um lado, as fantasias que criamos podem nos motivar a buscar uma forma mais satisfatória de vida, dentro dos nossos gostos e emoções, por outro, elas podem produzir danos e confusões no nosso inconsciente. O perigoso é que captamos valores, conceitos e modelos de felicidade e satisfação de novelas e romances, de vidas de outras pessoas, que geram em nós grandes frus-



À esquerda está Niela em trajés comuns e à direita com trajés de cosplay

trações. E quando nos sentimos frustrados e reprimidos, tendemos a realimentar as fantasias. O ideal é que não deixemos que elas dominem nossa atividade real.

Uma das razões para essa devoção em relação ao “outro” se dá no processo de autorreconhecimento. Por convenção social, os seres humanos precisam reconhecer o comportamento do outro, assim como eles mesmos também precisam ser reconhecidos. “A expressão ‘falar para as paredes’, por exemplo, indica isto. É horrível falar e não ser escutado, nos sentimos diminuídos e excluídos do jogo social,” afirma Lígia Lana, pesquisadora do departamento de comunicação da PUC-Rio.

Desejar ser outro alguém – e até mesmo imitar um indivíduo

que já exista – é um desdobramento deste desejo de ser ouvido. São tomadas como referência um grupo seletivo de pessoas, socialmente julgadas como interessantes e boas o suficiente para merecer atenção. Assim, os indivíduos escolhem seguir um conjunto de valores específicos, baseados em uma experiência que não condiz com a própria.

E é por isso que muitos buscam a fama. Segundo Lígia, a fama, ao ser atribuída a algumas pessoas específicas, situa alguns em um patamar mais visível para o reconhecimento. Assim, ele nunca falará com as paredes, porque sempre haverá alguém para ouvi-los – principalmente nas redes sociais como o Snapchat e o YouTube. “Isto indica que o famoso possui atributos que merecem ser reconhecidos, eles

se tornam indivíduos singulares e mais dignos de atenção que os demais”, explica a pesquisadora.

## O cover: quando a imitação se torna profissional

Cover é entendido como uma regravação de uma canção. Mas há também o entendimento de cover como banda. Muitos músicos tocam covers como forma de tributo a artistas e grupos musicais que já não existem mais – ou até mesmo que ainda existam mas que estão em uma realidade distante de nós. Além de tocarem as músicas, os vocalistas costumam usar roupas e se apresentar da mesma forma, ou o mais próximo possível, do cantor original. Ou seja, aquele que realiza esse trabalho fica em contato constante com a personalidade de uma outra pessoa.

Pedro Erthal tem 38 anos e, além de trabalhar com analista de sistemas na Fundação Oswaldo Cruz, zona norte do Rio de Janeiro, atua como músico há 20 anos. Para ele, a música não é um hobby, é uma segunda profissão, que já lhe serviu como única fonte de renda por muitas vezes. Sua primeira banda foi Música Urbana, que existe até hoje tocando um repertório de pop e rock das décadas de 1980 e 1990, e há 12 anos ele também é vocalista da banda Legião Urbana cover Mais do Mesmo. E mesmo interpretando por tantos anos o cantor e compositor Renato Russo nos palcos, vocalista da banda a qual ele faz cover, Pedro afirma que sabe discernir sua vida pessoal da artística.

O interesse pela música co-



*Pedro em uma de suas apresentações*

meçou quando Pedro ainda era criança. Filho da atriz Betty Erthal, ele conta que quando tinha 6 anos de idade sua mãe o levou numa visita à atriz Marieta Severo, amiga de trabalho que na época era casada com o cantor e compositor Chico Buarque. Ao chegar na casa, Chico levou Pedro para seu estúdio e começou a tocar trombone com ele. Foi nessa situação que Chico percebeu que Pedro tinha um ouvido absoluto, aspecto de quem consegue identificar notas musicais apenas ouvindo os sons dos instrumentos, e que só conhecia João Gilberto com tal característica, o cantor que foi um dos pioneiros da bossa nova na música popular brasileira.

Daí em diante, Betty incentivou muito o lado musical de seu filho.

E foi por ter visto um amigo tocar “índios” no violão, música da Legião Urbana, que, aos 9 anos, Pedro resolveu aprender a tocar o instrumento. Daí em diante, além de virar um fã da Legião Urbana, ele não largou mais a música.

Na banda Mais do Mesmo, Pedro acabou interpretando muitas vezes o cantor Renato Russo nos shows, e a atuação nunca foi forçada. Quando ele entra no palco, diz que sente estar fazendo o que mais gosta na vida, que é cantar e ter a proximidade com o público. O fato de ter estudado teatro quando novo e de ter acompanhado a trajetória da Legião Urbana, deu a ele uma familiaridade forte com o trabalho do Renato, e o fez entender os movimentos que o cantor re-

alizava em suas apresentações. “Muitas vezes, naturalmente me via assim, dançando aos 8 anos, quando nem conhecia a Legião, e já sentia essa liberdade de expressão nos movimentos dos braços”, diz Pedro.

Uma ação marcante de Pedro nas apresentações é cantar vestindo uma camisa parecida com a que Renato vestia nos shows da última turnê antes de sua morte, o Descobrimento do Brasil. Mas o ambiente cinematográfico do show e a roupa parecida não passam de uma homenagem e não interferem em nada na personalidade real de Pedro. “Eu uso a roupa como simbolismo. Ela é confortável, me sinto bem, e de certa forma, acaba remetendo um pouco à imagem dele. Para o público é legal, acho que tem tudo a ver. Ela não é idêntica, fiz algumas mudanças para adaptar ao meu estilo também.”

Pedro afirma que nunca teve problemas com o fato de viver por tantos anos atuando como Renato Russo. “Todo trabalho que faço com o *cover*, é uma grande homenagem ao nosso querido compositor Renato Russo. Jamais pensei em ocupar o lugar dele ou quis ser ele, mas tenho um enorme respeito por toda obra criada e por alguns pensamentos relatados em entrevistas.”

## A fantasia ganha forma

A palavra, *cosplay* é formada pelas palavras inglesas *costume*, que significa fantasia, e *play*, que significa brincar. Ou seja, pode ser entendida como “brincar de

fantasia”. Mas fazer um *cosplay*, e com isso virar um *cosplayer*, não é somente vestir uma roupa, mas encarnar um personagem, seu jeito, suas poses, seu modo de falar, de se portar.

Especialistas dizem que o fato de *cosplayers* adotarem o perfil do personagem serviria como uma forma de busca por um bem-estar que ajudaria a manter o equilíbrio no dia a dia. No entanto, não são todas as pessoas que usam a fantasia para esconder alguma característica pessoal ou confundem sua personalidade com o daquele que está incorporando. Niela Bittencourt é jornalista e tem 27 anos. Desde 2011 ela atua como *cosplayer* como uma forma saudável de *hobby*.

Niela sempre gostou de desenhos japoneses. Durante sua adolescência, o movimento *cosplayer* ainda era pequeno, e foi em 2009 que ela começou a ir aos eventos que falavam sobre o assunto. Em 2011, organizou um evento do tipo na cidade e então resolveu tentar ser *cosplayer* e não parou mais. “É uma diversão”, ela diz.

Para Niela é divertido dar vida a um personagem, desde a confecção da fantasia até o uso nos eventos, quando conversa com fãs e interage com outros *cosplayers*. “Quando estou fantasiada, não sou aquele personagem, mas a Niela. Exijo respeito e reajo às situações como a Niela. Apenas brinco de ser aqueles personagens, com suas poses características, por exemplo.”

Ela afirma que não se trata de assumir uma personalidade que julga melhor que a sua, mas homenagear um personagem

que lhe diverte ou emociona ou que, apenas, considera bonito e imponente pelos seus trajes. Trata-se de uma interpretação temporária. “Não vivemos fantasiados. Trabalho oito horas por dia, tenho responsabilidades e necessidades. O *cosplay* é um *hobby*, um passatempo, uma brincadeira. É claro que é um *hobby* que eu levo a sério: quero sempre ser fiel ao que me proponho a fazer, mas não há sofrimento nisso.”

## Muito além de um autógrafa

Para a pesquisadora Lígia Lana, o fã tem não só admiração, mas um sentimento de carinho por seu ídolo, podendo se empenhar nesta relação da mesma forma que o faz com pessoas conhecidas. Ao mesmo tempo, se convive com uma assimetria de emoções, já que o fã dedica seu tempo e amor sem receber nada em troca. “Quando amamos, esperamos ser correspondidos. O fã não tem esta expectativa. Acredito que pode haver alguma interferência na personalidade quando o fã não é capaz de diferenciar o amor que sente e manifesta pelo seu ídolo com o amor pelas demais pessoas”.

Para a comunicação, o mais relevante desse processo é a interação que ocorre entre ídolo e fã. É o que afirma a pesquisadora Lígia Lana, que completa: “O importante é não apenas observar um e o outro, mas perceber como são estabelecidos os laços entre fãs e ídolos, como esses laços são culturais e, portanto, em constante transformação”.

E é através da comunicação

que podemos entender a influência de celebridades virtuais *fitness*. Foi através das redes sociais que a estudante de jornalismo Marina Tepedino, de 21 anos, teve sua vida transformada. Ela foi diagnosticada com anorexia e precisou ficar três meses internada após seguir e copiar, sem orientações médicas, tudo o que via no Instagram, uma rede social voltada para compartilhamento de imagens. O exemplo? Mulheres que mantinham a boa forma e compartilhavam suas rotinas e hábitos alimentares saudáveis, como Carol Buffara (505 mil seguidores) e Gabriela Pugliesi (2.4 milhões de seguidores).

A tendência de seguir páginas de pessoas *fitness* começou em 2012. Isso fez surgir a chamada “Geração Fitness”, um grupo de seguidores que realiza um movimento virtual composto por fotos e *hashtags* – símbolo que categoriza os conteúdos publicados nas redes sociais –, para se atingir um corpo sadio e sarado. A inspiração para esse corpo, visto como perfeito, são perfis de mulheres que compartilham seu estilo de vida repleto de exercícios físicos e alimentos saudáveis.

Entre 2013 e 2014, Marina passava por uma fase insatisfeita com seu corpo e com alguns aspectos de sua vida pessoal. Ela acreditava que sua vida era sem graça e que se fizesse tudo como as modelos postavam em suas páginas ela teria uma vida mais realizada. Foi então que Marina começou a seguir fielmente musas *fitness* e corredoras, como as já citadas Carol e Gabriela, além de



À esquerda está Marina com 37kg e à direita ela já recuperada do trauma alimentar

outras como Debora Aquino e Daniela Sabino. A intenção de Marina era ter o corpo e a vida que essas musas mostravam em suas páginas: perfeitos. Ela acreditava que os exercícios e a alimentação regrada que postavam iriam modificar seu corpo, tornando-a uma pessoa mais feliz, além de mais aceita pela sociedade.

No entanto, aos poucos o exercício foi tomando conta de sua vida e se transformou em um vício. A obsessão de Marina por ter um corpo como o dessas modelos *fitness* a fez viver em um mundo fantasioso, onde toda sua felicidade e realização pessoal estariam fundamentadas na imitação sem escrúpulos daquele estilo de vida. Isso resultou na perda do comando de seu corpo e sua mente. Marina conta que não conseguia mais ter autocontrole: “Eu fazia mais de 3 horas por dia [de exercício], fora as diversas vezes

que, mesmo sem o aval médico, ia para academia ou correr na rua escondida. Com isso, fui diagnosticada com anorexia e fiquei internada por 3 meses”.

O auge da obsessão foi quando Marina atingiu 37 quilos quando tinha 19 anos. Durante sua internação, ela conta que ia ao banheiro do hospital, mesmo sem forças, para fazer exercícios escondido dos médicos e de seus familiares. Sua maior vontade era se “superar a cada dia e mostrar a todos que era capaz de chegar onde queria”, no corpo perfeito.

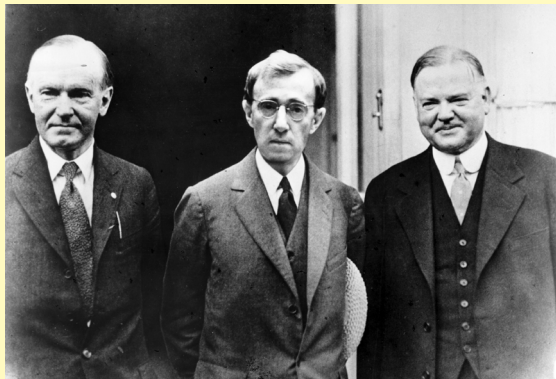
Após passar por toda essa experiência, Marina acredita que cada um tem a sua própria vida, todos com suas qualidades e defeitos, e que é impossível ser igual a alguém. “Sou pessoa bem resolvida e não tenho a mínima vontade de ter a vida delas ou de qualquer outra pessoa. Sou feliz e me aceito mais a cada dia.” 📖

## Amor de fã tem idade?

Lígia Lana, pesquisadora do departamento de Comunicação Social da PUC-Rio, conta que a juventude é uma fase da vida investida de significados culturais que ressaltam a experimentação, a liberdade e a busca pela identidade. A cultura das celebridades relaciona-se com o público jovem. Ainda segundo ela, a existência do cosplayer é fundamental para a consolidação da imagem da celebridade/do personagem, porque indica que ele possui fãs. "O fã representa que o reconhecimento do ídolo é perpassado pelo amor, que implica devoção. Para os jovens, é mais aceitável a demonstração desse amor», pontua a pesquisadora.



## Zelig: o homem camaleão



Woody Allen numa cena de seu filme Zelig

Vale a pena conferir o filme Zelig, 1983, do diretor cinematográfico Woody Allen. No longa-metragem, o diretor, que também interpreta o protagonista da história, constrói um falso documentário ambientado na década de 1920, que fala a respeito de Leonard Zelig, o "Homem Camaleão". Zelig é um rapaz que se acha extremamente desinteressante e tem medo de ser rejeitado socialmente. Então, para não se sentir deslocado, ele desenvolve uma estranha capacidade de transformar sua aparência e personalidade para que sejam iguais aos das pessoas que o cercam. O caso intriga psicólogos, psiquiatras e neurologistas que não conseguem chegar a um diagnóstico.

## Celebridades mais seguidas do Instagram: nacionais e internacionais

Celebridades	Nº de seguidores em milhão
Neymar	47,8
Bruna Marquezine	14,1
David Luiz	13
Ronaldinho Gaúcho	12,9
Anitta	12,5
Marcelo Vieira	10,8
Ivete Sangalo	10,8
Tatá Werneck	10,2
Thiago Silva	9,3
Daniel Alves	9,2

Celebridades	Nº de seguidores em milhão
Selena Gomez	76,2
Taylor Swift	74,8
Ariana Grande	69,4
Beyonce	68,5
Kim Kardashian	67,9
Justin Bieber	66,1
Kylie Jenner	59
Kendall Jenner	55,2
Nicki Minaj	55,2
Khloe Kardashian	47,3

- PESQUISA REALIZADA EM ABRIL DE 2016

- O BRASIL TEM UMA POPULAÇÃO DE 204.450.649 HABITANTES, SEGUNDO DADOS DO IBGE DE JULHO DE 2015